

MATIZES DO BRASIL
EPISÓDIO – VICENTE DO REGO MONTEIRO

00:01:41:08

VINHETA DE ABERTURA

00:02:19:12

O Rego Monteiro é um dos grandes do Modernismo Brasileiro e ele esteve na Semana de 22 representado com obras. Ele era artista gráfico, era editor.

00:02:31:18

A poesia, a dança e as artes plásticas, sempre vão estar juntas.

00:02:30:12

A obra de Vicente ela é uma evidência inquestionável de que há muitas modernidades.

00:02:54:22

Vicente é um cara que viveu entre o Capiberibe e o Sena.

00:02:58:20

JORGE SCHWARTZ – Crítico de arte e curador

Ele foi bi cultural, eu diria. Porque fica oscilando entre Recife e Paris.

00:03:13:19

DENISE MATTAR – Crítica de arte e curadora

O Vicente do Rego Monteiro é um artista que vem de uma família de artistas. E a irmã dele, que se chamava Fédora, foi estudar arte, e ela vai estudar em Paris, e os irmãos vão juntos.

00:03:32:16

CLARISSA DINIZ – Crítica de arte e curadora

Vicente, diferentemente de alguns dos artistas brasileiros que se formaram na Europa, ele não vai só ser educado na França. Ele vai de fato fazer parte de um campo da arte francês, parisiense especificamente, em momentos muito distintos da vida dele.

00:03:51:10

DENISE MATTAR – Crítica de arte e curadora

Então ele tinha uma penetração no meio artístico parisiense muito diferente do que tinham os nossos, os outros modernistas. Ele queria ser escultor. Então, as primeiras incursões dele são com escultura, e embora eles tenham tido uma formação, nesse momento em Paris, muito clássica, na verdade Paris estava na Belle Époque.

00:04:32:10

CLARISSA DINIZ – Crítica de arte e curadora

Em Paris, no começo dos anos 10, Vicente tem contato com o balé russo. É um balé que foi coreografado por Nijinski, então esses movimentos angulosos etc.

00:04:53:26

DENISE MATTAR – Crítica de arte e curadora

Eles acabam voltando para o Brasil em 14 por causa da guerra. O Vicente continua fazendo alguma coisa de pintura, e ele então vai buscar realmente, se inserir no movimento artístico, quase inexistente no Brasil. Todo aquele movimento parisiense, principalmente o “ballet russe”, fica na cabeça do Vicente e nunca mais sai. Quando ele volta pro Brasil, ele vê um espetáculo da Isadora Duncan. E quando ele vê esse espetáculo, ele fica encantado. Ele vê todas as apresentações, e ele relembra todos os “ballets russe”. Então ele começa a pensar num grande espetáculo de dança com as lendas indígenas. Então ele vai pesquisar as lendas indígenas, e faz uma série de trabalhos que são muito influenciados, tem uma fatura muito francesa, muito influenciada pelo Bakst, parecem realmente, apontamentos de cena. E ele apresenta no Rio de Janeiro, em 1921, ele fica muito decepcionado que essa exposição dele não dá certo, e ele resolve então ir para Paris de novo. E aí, olha que curioso, quando ele vai embora, ele tinha feito uma série de trabalhos que iriam para Paris. Tinham sido encomendados por um “marchant”, e o “marchant” na última hora não pega esses trabalhos. E ele fica tão irritado porque ele deixa no Brasil um “Ronald de Carvalho”. E o Ronald de Carvalho então, quando sabe que tem a Semana de 22, coloca esses trabalhos na exposição. Que se a gente for analisar friamente o conteúdo da Semana de 22, os trabalhos mais modernos que tem são os do Vicente.

00:07:27:02

CLARISSA DINIZ – Crítica de arte e curadora

E Vicente ainda tem a audácia, sendo um artista brasileiro, buscar trazer para a sua pintura não só temas como também uma gramática cromática, visual, escultórica, volumétrica, claramente não francesas.

00:07:55:14

JORGE SCHWARTZ – Crítico de arte e curador

Eu acho que o fato dele descobrir esse universo indígena nos anos 20, e levá-lo para Paris. Com certeza em Paris isso nunca tinha sido visto nem percebido, isso tem um enorme mérito. E dos artistas brasileiros também, naquele período é ele quem tem maior interesse por esses assuntos.

00:08:25:04

DENISE MATTAR – Crítica de arte e curadora

E todas essas diferentes facetas que ele vai abordando, fazem com que ele acabe encontrando o caminho dele, que vai ser na verdade, fazer um cruzamento entre o “art decor” e a arte marajoara.

00:08:46:06

JORGE SCHWARTZ – Crítico de arte e curador

E ele criou um estilo próprio absolutamente inconfundível.

00:08:54:00

DENISE MATTAR – Crítica de arte e curadora

Ele já tinha feito uma pesquisa muito grande sobre a cerâmica marajoara. Ele passa dias, e dias, e dias, enfiado dentro do Museu Nacional, aquele que pegou fogo, né? Ele ficava lá o tempo inteiro desenhando e fazendo. Os desenhos são incríveis! E ele faz uma pesquisa inclusive dos significados, ele vai encontrando relações com os hieróglifos. É muito interessante toda essa pesquisa que ele faz. Que ele não usa nesse momento, porque os desenhos continuam a ter essa fatura quase parisiense. Mas isso tudo fica meio introjetado nele.

00:09:45:18

DENISE MATTAR – Crítica de arte e curadora

Na verdade, estetisa o grafismo desde um ponto de vista decorativo, ornamental, que era a pauta da “art decor” para a qual, dentro da qual ele está fazendo isso, e transforma esse repertório imagético, que não é só imagético no caso indígena é profundamente espiritual, é profundamente antológico etc, mas ele transforma isso em imagem basicamente, e depois em patronagem. E é essa versão padronizada, esquematizada dentro dos preceitos ornamentais, decorativos da “art decor” que ele vai usar, que por sua vez ilustrar o que ele vai chamar de “Lendas Indígenas”.

00:10:33:18

JORGE SCHWARTZ – Crítico de arte e curador

O que me interessou foi a parte da produção dele em livros. O livro das lendas amazônicas que de alguma maneira antecipa algumas lendas que reaparecem em Macunaíma. As “Ikamiabas”, o “Iraktan”. Agora claro, essas lendas são antigas, não é que o Rego descobriu. E o Rego explorou muito, e é o lado mais fascinante dele, a arte marajoara. Através da cerâmica e da cestaria. E o que atraiu o Rego Monteiro, eu acho, foi o geometrismo, o desenho abstrato. Tudo isso aparece no livro. Através de vinhetas, de desenhos muito simples, muito lindo.

00:11:36:18

DENISE MATTAR – Crítica de arte e curadora

E ele pinta esses trabalhos sempre em cores. O urucum, o preto, as cores que os indígenas usam.

00:11:53:00

CLARISSA DINIZ – Crítica de arte e curadora

Uma das, enfim, pautas de uma agenda moderna é a questão cromática. A arte moderna no Brasil, como em boa parte do mundo ocidental ela está ali as voltas com a ideia de uma refundação simbólica do Brasil, né? Com a ideia de uma nação. Então não por isso ela é extremamente nacionalista em boa parte dos seus projetos de modernidade. E pensar a cor, as cores deste país que se está imaginando, está se ficcionalizando naquele começo do século 20, se torna de fato um ponto fundamental. Seja porque no Brasil pensar cor tem um impacto, absolutamente implicado a questões raciais. E sim, nos anos 20, nos anos 30, isso está, isso é um debate fervoroso em torno de raças, cores, etnias, sempre ainda dentro de uma chave muito racista, mas também porque essa cor passa por um esforço dos pintores de desfazer, de desmontar os cânones cromáticos que lhes haviam sido ensinados pela pintura eurocêntrica.

00:13:18:27

VINHETA - ESTAMOS APRESENTANDO

00:13:33:16

VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR

00:13:47:11

JORGE SCHWARTZ – Crítico de arte e curador

O Rego Monteiro acompanha as vanguardas históricas no que diz respeito ao retorno ao primitivo. Quer dizer, o que se sabe que franceses foram, através das coleções no Louvre ou museus etnográficos, recuperaram arte africana. Então levaram de alguma maneira a África para a vanguarda. Que foi o que Picasso fez em 1906 com “Les demoiselles d'Avignon”, que inaugura o cubismo com aquelas máscaras

africanas. E a sacada do Rego Monteiro é perceber que ele não tem que ir para a África, que ele tem o material aqui.

00:14:36:06

CLARISSA DINIZ – Crítica de arte e curadora

Gilberto Freire ele critica Vicente do Rego Monteiro. Ele vai dizer que Vicente olha pro índio exotizando-os. Ao fazer essa crítica, ele está mostrando como o Vicente também pensava como um europeu. Se você pensar que é o começo do século 20, inúmeros poetas e artistas franceses estão negrófilos, né? A negrofilia fetichizante, exotizante, em relação ao continente africano toma conta da cena artística. É o momento histórico em que a antropologia, a etnografia se afirmam enquanto práticas, que se criam científicas. Você tem um fluxo de conversas entre esses campos extremamente intenso. Mas Vicente está ali naquele momento, e acho que isso informa muito o modo como ele vai olhar pro Brasil.

00:15:41:24

JORGE SCHWARTZ – Crítico de arte e curador

Ele não foi para o material afro brasileiro. Ele foi para um material indianista mesmo. Essa foi uma grande sacada. Mas eu acho que ele está dentro dessa onda de retorno primitivo.

00:16:03:25

CLARISSA DINIZ – Crítica de arte e curadora

No aspecto que está presente em algumas das pinturas de Vicente do Rego Monteiro e fica muito evidente em “Figura sentada” porque acaba que é o elemento central da pintura, essa representação de uma pessoa sentada. Vicente viu no Museu Nacional alguns, alguns objetos, algumas peças indígenas, que são personagens, são pessoas sentadas. Você vê que isso volta inúmeras vezes. Volta na “Figura sentada”, volta também na “Maternidade indígena”, que você tem a mãe, mas principalmente o bebê sentado. E todo o problema plástico de como resolver a perspectiva, como é que você resolve essa sensação de profundidade, numa pintura que é fundamentalmente se constitui da parte de uma ideia de planaridade, né? Então ela é, por isso ela se comporta como relevo. Isso que é uma espécie de ambiguidade formal entre, como é que você cria uma imagem que tem uma profundidade, ainda assim conseguindo sustentá-la numa dimensão planar?

00:17:25:18

DENISE MATTAR – Crítica de arte e curadora

É um trabalho que é quase escultórico. Então, você sente o volume das figuras.

00:17:42:12

CLARISSA DINIZ – Crítica de arte e curadora

Em “Maternidade indígena”, Vicente está claramente de se filiando a tradição das Madonas, que é uma tradição de muitos séculos na arte ocidental.

00:18:00:11

DENISE MATTAR – Crítica de arte e curadora

Primeiro ele vai fazer algumas imagens que remetem realmente a essas imagens indígenas. E depois ele vai transportar isso curiosamente para um cara que era tão ateu, ele vai transportar isso para a religião. Então ele começa a fazer Pietás, ele começa a fazer deposições de Cristo. E são obras magníficas, obras incríveis. Nas quais ele vai, ele tem um caráter inclusive mural.

00:18:42:12

CLARISSA DINIZ – Crítica de arte e curadora

Em “Deposição” o título, claro assim como “Maternidade indígena”, né? Nos chama atenção para um dos momentos vivenciados na história de Cristo e tal, mas também, até pelo fato dessa pintura estar de algum modo isolada de uma narrativa de Jesus Cristo, enfim, ele está ali fundamentalmente lidando com esse, com a outra tradição da pintura eurocêntrica ocidental, que é a Pietá. Essa, essa mãe que tem seu filho morto no colo, e que chora a morte do seu filho. Essa imagem que deriva da própria imagem de Maria com Cristo em seu colo. Que ele vai pintar “ipsis litteris” como Maria, Cristo, enfim. Ele não faz essa inflexão que ele faz com a “Maternidade indígena”, ele não faz com “Deposição”. Ele de fato se mantém dentro dos personagens da narrativa cristã. “Deposição” junto com “Atirador de Arcos” você vê uma outra das soluções muito interessante de Vicente, que é fazer com que o movimento do fundo performe ele mesmo o interesse simbólico da figuração, da pintura. Então, no fundo de “Deposição” você tem basicamente uma cruz. Você tem um plano central, e embaixo um outro plano horizontal, que forma mesmo o topo de uma cruz assim. No mesmo jeito que no “Atirador de Arcos” você tem a continuidade, uma espécie de reverberação formal do desenho do arco por trás, criando um plano atrás do arco em si. Isso é uma solução muito importante da pintura de Vicente. É claro, um aprendizado pós cubista. Isso não é específico da obra dele. Mas nele vem carregado de simbolismo, assim. Vem prenhe de significados, de significação, assim. Como fica muito evidente no “Atirador de Arcos” ou na pintura “Deposição”.

00:21:21:09

JORGE SCHWARTZ – Crítico de arte e curador

O “Atirador de Arcos” está inspirada numa aquarela do Debret, que é um índio atirando uma flecha deitado e um arco do tamanho do corpo. É uma obra fascinante! Sempre se pensa que o índio joga a flecha só assim. Mas essa figura deitada, ele provoca a tensão do arco com as pernas. E isso o Rego aproveitou muito, muito bem. Na realidade, qualquer uma dessas imagens, está inspirada nessas iconografias. O Rego com certeza conheceu a iconografia do Debret, e dos outros viajantes. Ele foi um pouco excluído por ter sido considerado muito conservador politicamente na época da ditadura, enfim.

00:22:28:09

CLARISSA DINIZ – Crítica de arte e curadora

Então a recepção dele é mesmo tardia. Assim, ainda tem poucas obras em acervos públicos. Tem muitas em acervos particulares. Claro também que uma vida entre dois países no momento que você não mandava pintura de avião de lá pra cá, né? Navios e transportes, e tudo isso era muito difícil. Você tem uma perda gigante de acervo, né? Sempre que tem migrações, e ele migrou várias vezes daqui pra lá, de lá pra cá. Então você tem uma dispersão dessas obras, né? Vicente também deu muita coisa, porque não podia guardar, não podia levar tudo.

00:23:11:07

DENISE MATTAR – Crítica de arte e curadora

Ele tem obras importantíssimas no Museu de Arte Moderna de Paris, porque ele era uma pessoa que conhecia as pessoas da época. E as obras dele foram compradas pelo Museu.

00:23:30:17

CLARISSA DINIZ – Crítica de arte e curadora

Ele não está emulando um modo europeu somente. Ele está forçando ali encontrar outros caminhos que reconhecem e tendam a potencializar o seu lugar de imigrante, o seu lugar de brasileiro etc., dentro do contexto parisiense francês. Então, isso está longe de ser fácil e dado. Mesmo hoje, qualquer artista imigrante encontra dificuldades em outro lugar, assim, outros contextos. Imagina no começo do século 20?

00:24:05:11

DENISE MATTAR – Crítica de arte e curadora

E aí você tem toda uma, digamos, uma discussão entre os críticos se ele era um artista antropofágico ou não? Na verdade, ele é uma artista muito bem definido pelo Schwartz, ele tinha um indianismo de vanguarda, mas ele não era um antropófago no sentido que o Oswald deu. Porque o Oswald, ele faz da antropofagia uma metáfora. Uma metáfora para você engolir a civilização, e fazer uma coisa nova a partir dela. E o Vicente nunca fez essa metáfora. Ele na verdade se interessou pela cultura indígena, mas o olhar dele é muito diverso do olhar do Oswald.

CRÉDITO FINAIS